



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

NARRATIVAS DE AFETO SÁFICO

CAMILA PINHEIRO DE ALBUQUERQUE
DRE: 117216736

Rio de Janeiro - RJ
2022.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

NARRATIVAS DE AFETO SÁFICO

Nome: Camila Pinheiro de Albuquerque
DRE: 117216736

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema *Phanteon* da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado com grau **10,0** em: 21/10/2022

Local: Online, Google Meet

Prof. Ricardo A. B. Pereira – Orientador(a)

Unidade Escola de Belas Artes

Prof. Yoko Nishio

Unidade Escola de Belas Artes

Prof. Julio Sequiguchi

Unidade Escola de Belas Artes

CIP - Catalogação na Publicação

A345n Albuquerque, Camila Pinheiro de
Narrativas de Afeto Sáfico / Camila Pinheiro de
Albuquerque. -- Rio de Janeiro, 2022.
38 f.

Orientador: Ricardo Pereira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. Sexualidade. 2. Erotismo. 3. Queer. 4.
Sáfico. 5. Pintura. I. Pereira, Ricardo , orient.
II. Título.

ÍNDICE

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS	6
ESTADO DA QUESTÃO	7
DESENVOLVIMENTO	12
ESTUDOS E PROCESSOS	13
OBRAS FINAIS	15
PALETA DE CORES, RECORTES E EXPERIMENTAÇÕES	25
RELAÇÕES SÁFICAS E O APAGAMENTO DA SEXUALIDADE FEMININA	27
PROCESSO: SIMBOLOGIAS/ CONCEITOS / NOVOS OLHARES SOBRE ERÓTICA	29
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXO: EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL	33

AGRADECIMENTOS

Obrigada a minha família por terem apoiado e acreditado no meu sonho de estudar artes; a Marta e Paulo, meus pais, por sempre me motivarem; a Artur por ser meu irmão favorito (apesar de ser o único!); a família Albuquerque e Pinheiro, minhas raízes, que moldaram quem sou; obrigada aos meus amigos de Fortaleza e do Rio, que me apoiaram em tempos difíceis e momentos felizes e estão sempre ali; obrigada a EBA, Ricardo Pereira, meu orientador pelo apoio; obrigada a Camille, minha companheira de vida: obrigada por ser tão doce e sobretudo, minha melhor amiga. E obrigada a mim mesma, que lutei muito para que esse trabalho nascesse e saísse para o mundo.

RESUMO

O seguinte trabalho trata, através da pintura, sobre a criação de um imaginário Queer, imagens e narrativas de afeto entre mulheres e pessoas sáficas; trabalhando ao mesmo tempo as dificuldades encontradas de como criar figuras pictóricas de erotismo e sexualidade, sem fetichizar corpos que foram historicamente objetificados.

Palavras chave: Sexualidade, Erotismo, Queer, Sáfico, Pintura

INTRODUÇÃO

O meu interesse pessoal pela temática do Erotismo se fez presente na minha vida desde que comecei a me entender como uma mulher bissexual: tinha curiosidade de entender mais sobre mim, meus desejos e sobre a comunidade Queer. Alguns anos depois fui diagnosticada com ansiedade e depressão e pesquisar sobre este mundo do prazer virou uma forma de tentar alcançar o conforto no meu corpo, de me sentir “normal”. Sempre enxerguei corpos como agentes portadores de beleza e sensações e poder trazer o que sinto para a pintura através das pinceladas, cores e texturas me traz alegria. Poder exaltar minhas vivências na arte, com narrativas sáficas¹ principalmente é uma preocupação que tenho e que necessitei por muitos anos; a falta de representatividade do afeto entre mulheres não era tão visível como hoje em dia, gostaria de ter tido acesso a elas quando era menor. Por isso decidi focar minha produção em narrativas eróticas com mais ênfase em cenas sáficas, mostrando a beleza do cotidiano e momentos de intimidade entre mulheres e pessoas sáficas. ,

OBJETIVOS

Irei definir os objetivos que tenho em mente, mas ciente que muitas vezes a produção toma seu rumo próprio e se transforma a partir dos resultados. Vejo hoje em dia o trabalho de conclusão de curso não como a síntese da minha arte, mas sim um espaço em que pude realmente experimentar e colocar em prática vontades e ideias artísticas durante estes anos de graduação, entendendo que estou abrindo portas e caminhos para novas pesquisas, direcionamentos e vontades. Pretendo trabalhar na minha arte, com mais atenção na pintura, embora também venha expressando esta temática na escultura através da cerâmica. Minha intenção artística é “arriscar” mais, artisticamente falando; com base nas minhas pinturas prévias a este trabalho de conclusão, quero pintar telas com a paleta de cores mais diversa, isto é, com mais tons e cores presentes, como se a concepção fosse um grande carnaval. Pretendo também trabalhar com mais manchas, texturas da própria materialidade da tinta em evidência, “estampas” pintadas e tons de peles menos chapados, com texturas das pinceladas presentes. Desenhar mais rostos e cenários trabalhados. A ideia é trabalhar narrativas

¹ Sáfico: relativo a homossexualidade feminina.

sensuais, com elementos de frutas e flores brasileiras, trabalhando com mais possibilidades de cores, formas e filtros.

ESTADO DA QUESTÃO

Tento buscar referências em todos os lugares: o que me agrada eu tento “roubar” pra mim e para minha arte; tenho em mente nestes momentos os ensinamentos de Austin Kleon, (2012) que em seu livro “Roube Como Um Artista”, demonstra a necessidade de consumir e aprender com o mundo ao nosso redor.

No campo da pintura já tenho uma grande referência desta temática na pintura, Jenna Gribbon (2018, Fig.1) e Alpha Channeling (2022, Fig. 2) na área de desenho. Gribbon é minha maior referência em minha poética atual por também ser uma mulher *queer*. Suas narrativas dos cotidianos de casais sáficos me instigam, indo além e demonstrando toda a afeição que existe nessa realidade da qual faço parte, tem. Ela pinta não apenas cenas eróticas, mas momentos íntimos cheios de vulnerabilidade, o que eu quis alcançar com algumas obras nesse TCC. Rose Grown na cerâmica, com sua pluralidade de corpos e identidades é um referencial também; suas gestualidades, corpos volumosos e curvados. Alguns outros artistas tenho encontrado no meio do caminho, seja pelas redes sociais, exposição que descobri, indicação de alguém.

Inspirações mais técnicas da pintura fui apreendendo ao longo da minha graduação: fui me inspirando no trabalho do Bispo do Rosário, seu acúmulo material e frases que passavam por suas obras como espécies de mantras. Busquei explorar este elemento da escrita para registrar melhor meus pensamentos e emoções relacionadas ao que eu estava criando no momento. Outro artista brasileiro, contudo musical que me instiga a conectar mais o desejo às frutas é Alceu Valença, com sua música “Flor de Tangerina”:

“Hoje eu sonhei que ela voltava

E vinha muito mais que linda

A meia luz me acordava

Cheirando a flor de tangerina

(...)

E docemente me afogava

em suas águas cristalinas”

Marcela Cantuária foi uma grande inspiração plástica, com sua paleta de cores vibrantes e coloridas; Me permiti ousar mais, misturar e tentar fugir da pintura realista demais, entrando por um lado fantasioso que a pintura permite.

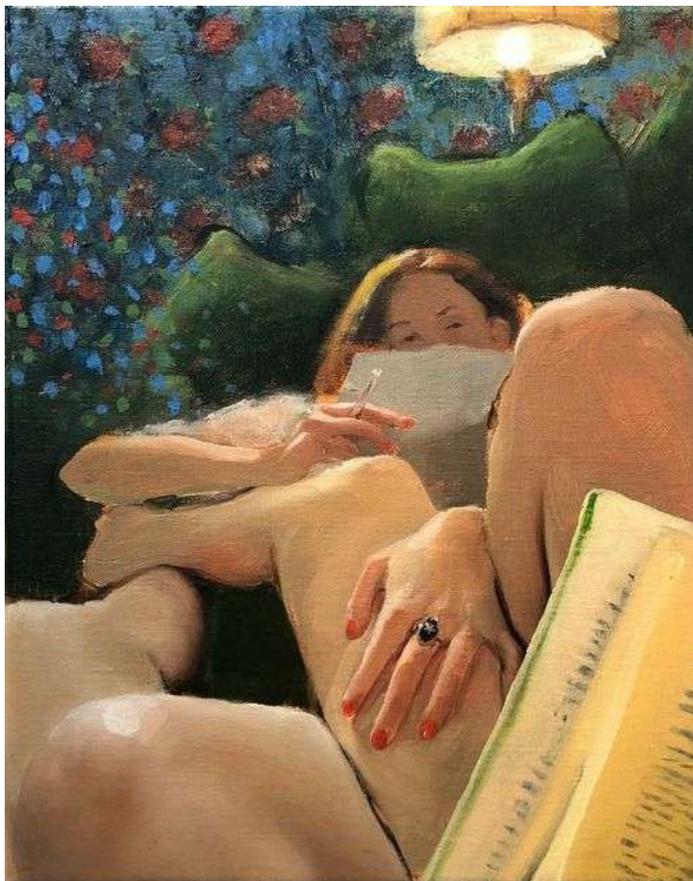


Fig.1 Jenna Gribbon - "Me Looking At Her Looking At Me", 2018. Óleo sobre tela, 2018.



Fig. 2 Alpha Channeling - "Contemplation", Impressão Tipográfica, 30,4cm x 40,6cm, 2022.



Fig. 3 Pierre Schmidt - "Temptation", colagem digital, 2022.



Fig. 4 Marcela Cantuária - “A Beleza da Luta: Tão Urgente Quanto a Vida”.

Podemos observar que a temática erótica esteve presente nas expressões artísticas desde o início da humanidade, sob vários olhares, pudores e significados. As uniões, identidades e relações queers também existiam, mas o olhar heteronormativo é o que predomina nos registros da História. Artistas de todas as áreas vêm representando outras realidades de formas sutis nos últimos séculos e só a partir do século XX se tornaram produções mais óbvias, sem disfarçar tanto a relação afetiva entre pessoas do mesmo gênero.



Fig. 5 União Cósmica de Geb e Nut.



Fig. 6 Placa, Delos: “ΤΟΥΤΟ ΕΜΟΙ ΚΑΙ ΤΟΥΤΟ ΣΟΙ”



Fig. 7 Duas jovens nuas. Uma em posição sentada está tocando o púbis da outra que está de pé. Representação única do séc. V aC.

(Poucas representações históricas de relacionamentos sáfcicos foram produzidas em comparação a relacionamentos heterossexuais.)



Fig. 8 Homens com uma prostituta – Representação sobre uma ânfora – séc. V aC.



Fig. 9 Zoffany - “A Tribuna de Uffizi”, óleo sobre tela, 123,5x155 cm, 1777. (detalhe).

DESENVOLVIMENTO

Iniciei a investigação desta temática em 2019, época que estava explorando minha sexualidade com mais liberdade e me identificando mais com comunidades LGBTQIA +. Comecei realmente então a entender todas as limitações que a sociedade heteronormativa impõe sobre nós, comportamentais, escolhas de vida. O medo de se colocar como uma pessoa não heterossexual no Brasil do século XXI, apesar dos avanços políticos que foram conquistados em relação aos nossos direitos nas ultimas décadas, permanece. Faço uma arte que retrata minha realidade, assim como desabafo sobre vivências que quem é “Queer” entende.

Em 2020, no início da pandemia da COVID19, me vi mergulhada nessa temática. Iniciei pinturas eróticas, voltada para corporalidades, onde tentava unir figuras humanas femininas e frutas, em busca de simbologias de desejo, sabores, abundâncias de energia de vida.

Me propus a desenvolver 10 obras voltadas para a questão sáfica, a fim de explorar mais a fundo esta temática, assim como texturas, experimentos e sair da minha zona de conforto.

ESTUDOS E PROCESSOS

Fig 10. Camila Albuquerque - "Bum dia", cerâmica esmaltada, (8x7x9 cm), 2022



Fig. 11 Camila Albuquerque - Estudo em grafite.

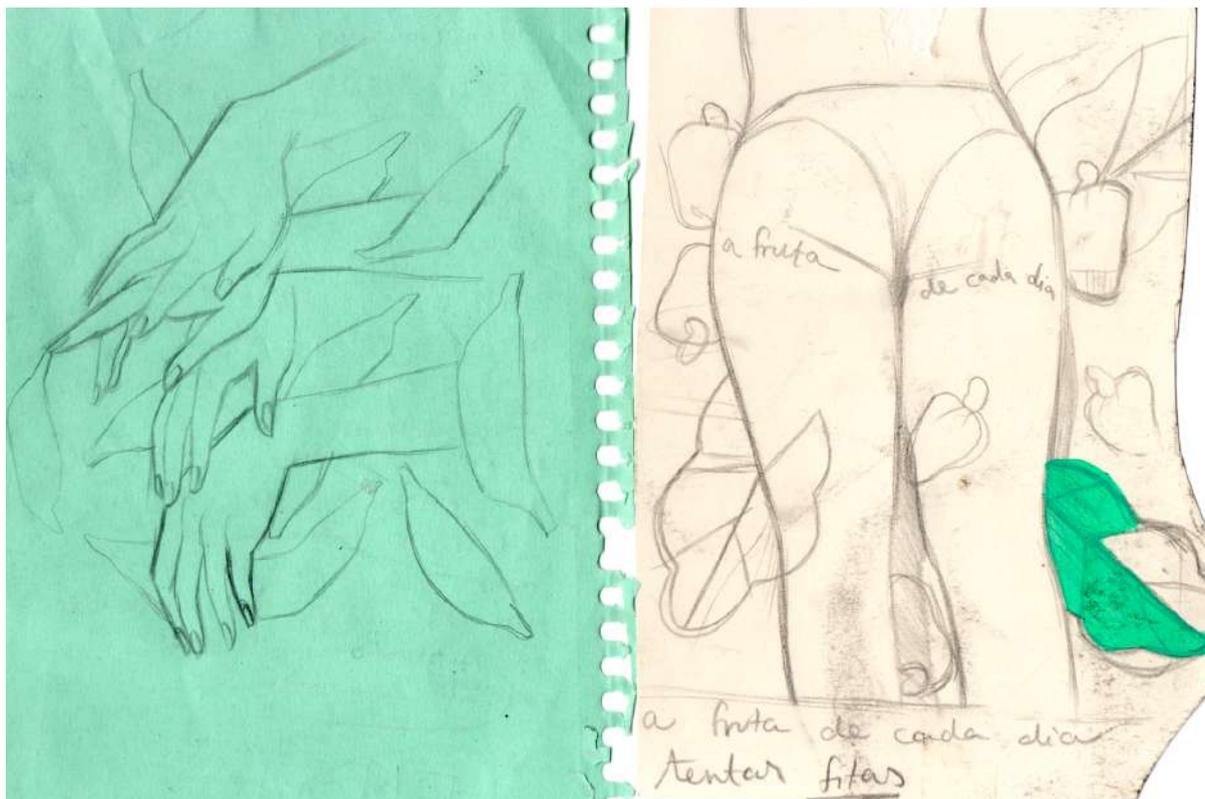


Fig. 12, 13 e 14 Camila Albuquerque - Estudos em grafite e caneta.

Estudos em Grafite.

OBRAS FINAIS



Fig. 15 Camila Albuquerque - "Tascada Na Goiaba", Óleo sobre MDF (21x21cm), 2020.

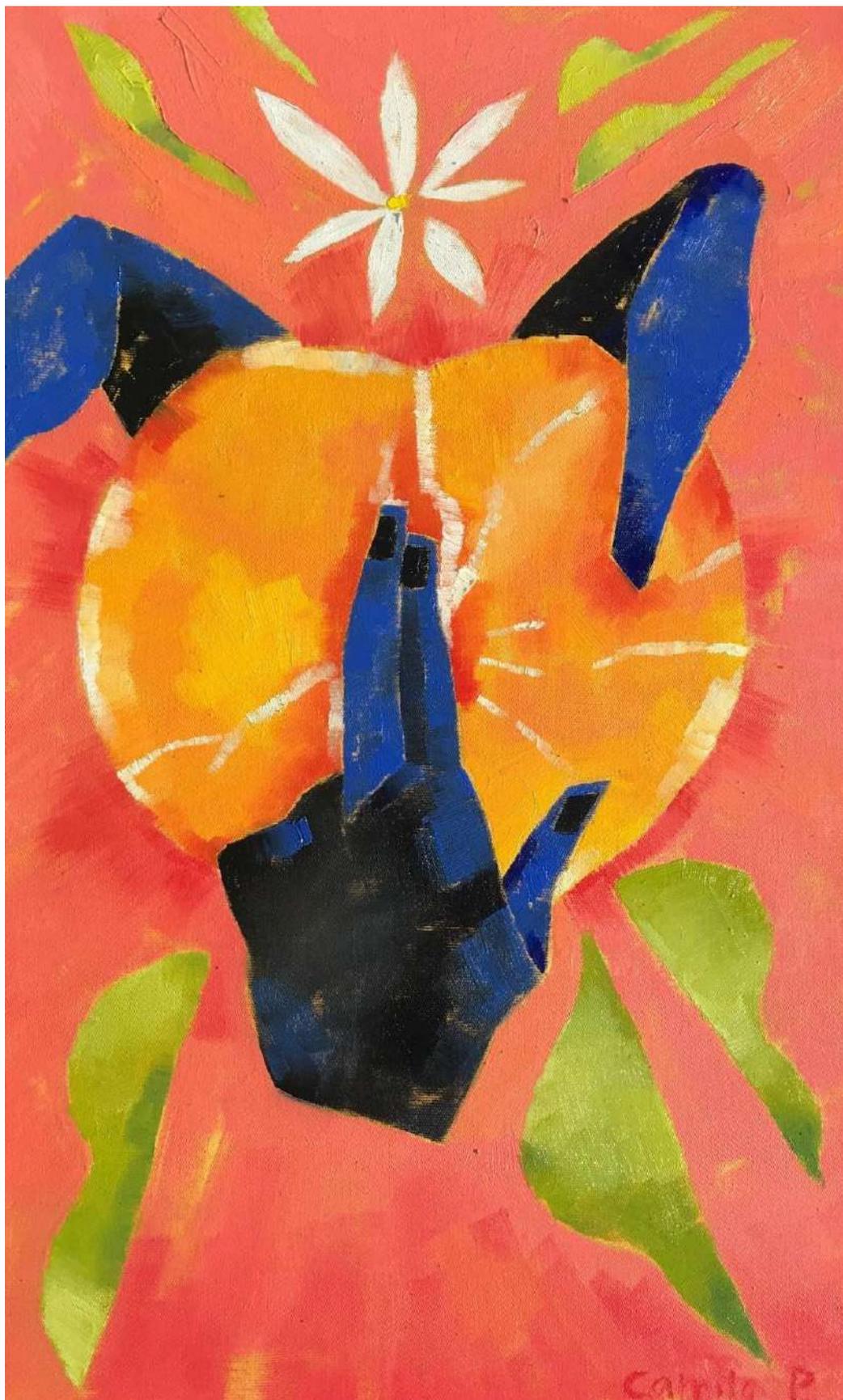


Fig. 16 - Camila Albuquerque - "Quero Morar no Seu Toque", Óleo sobre tela (30x50 cm), 2020.

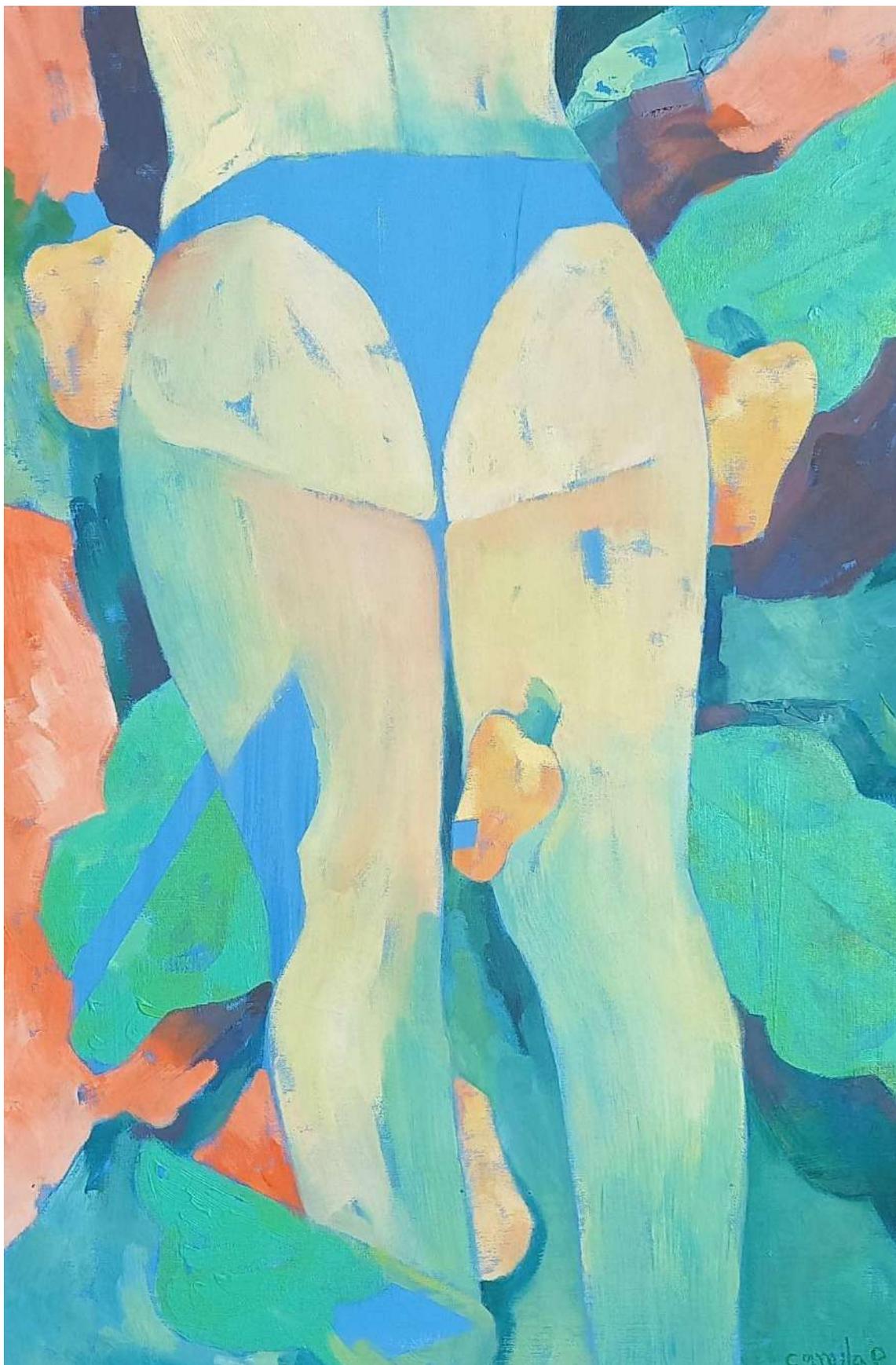


Fig.17 Camila Albuquerque - "Fruta Nossa de Cada Dia", óleo e acrílica sobre tela (60x90 cm), 2022.

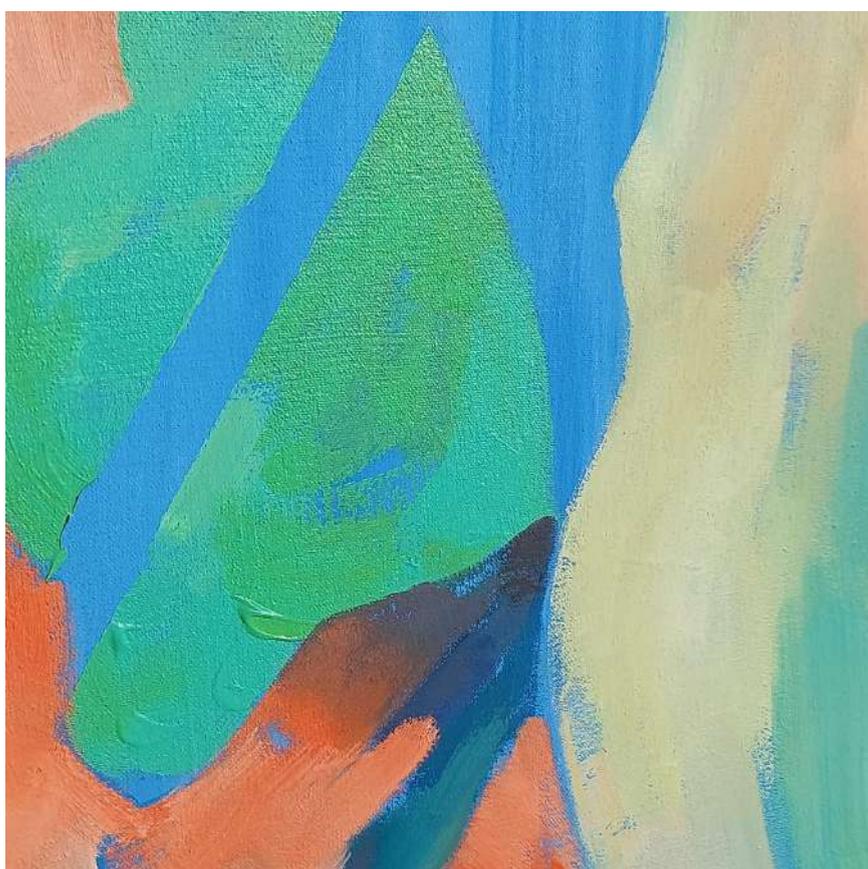
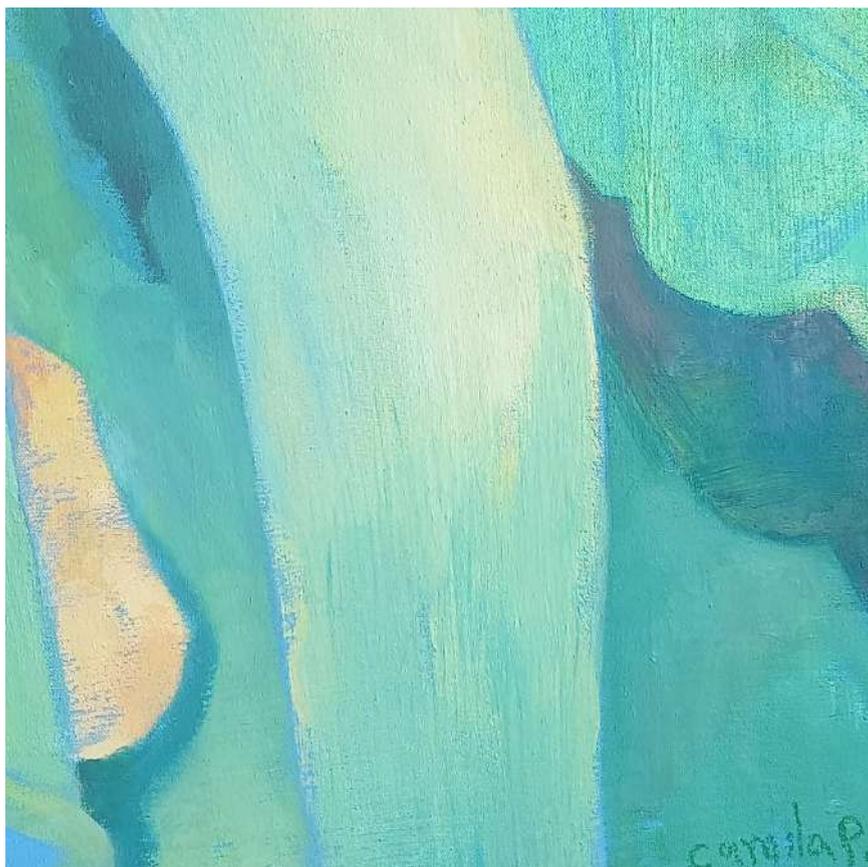


Fig. 18 e 19 Camila Albuquerque - "Fruta Nossa de Cada Dia", detalhes.

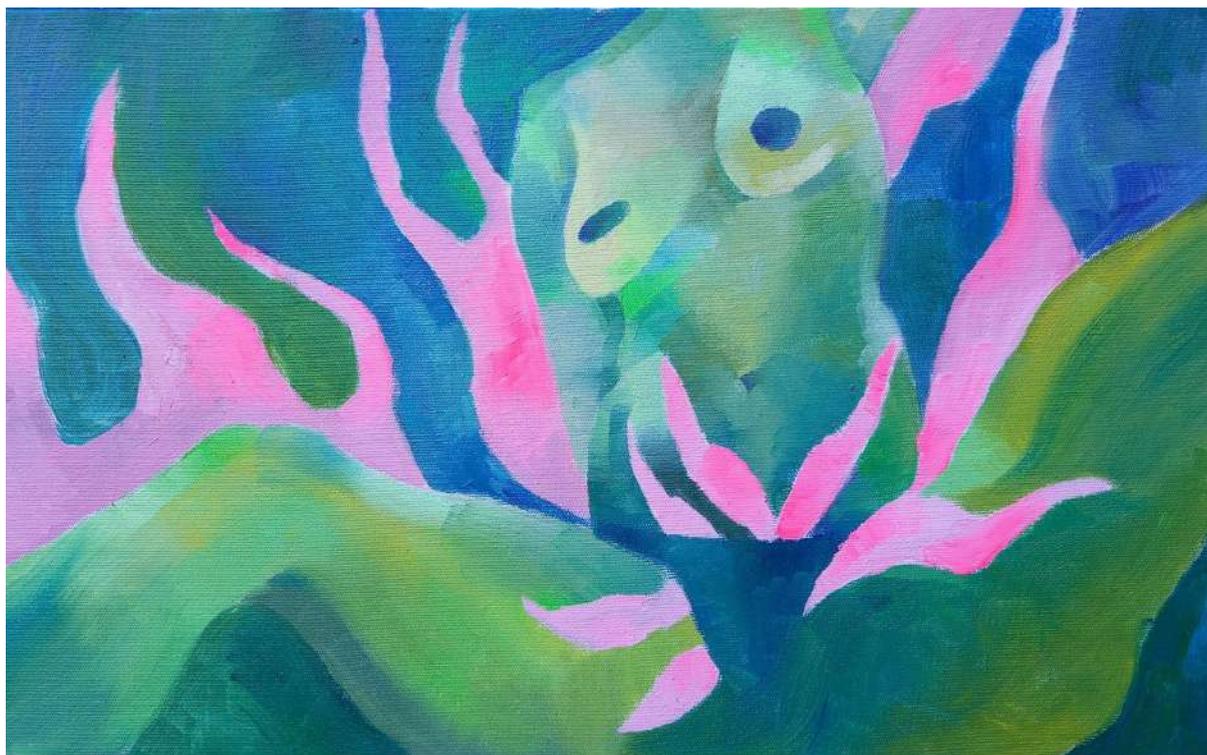


Fig. 20 Camila Albuquerque - “Imensidão Que Pulsa Dentro de Mim”, óleo sobre tela (25x40 cm), 2022.

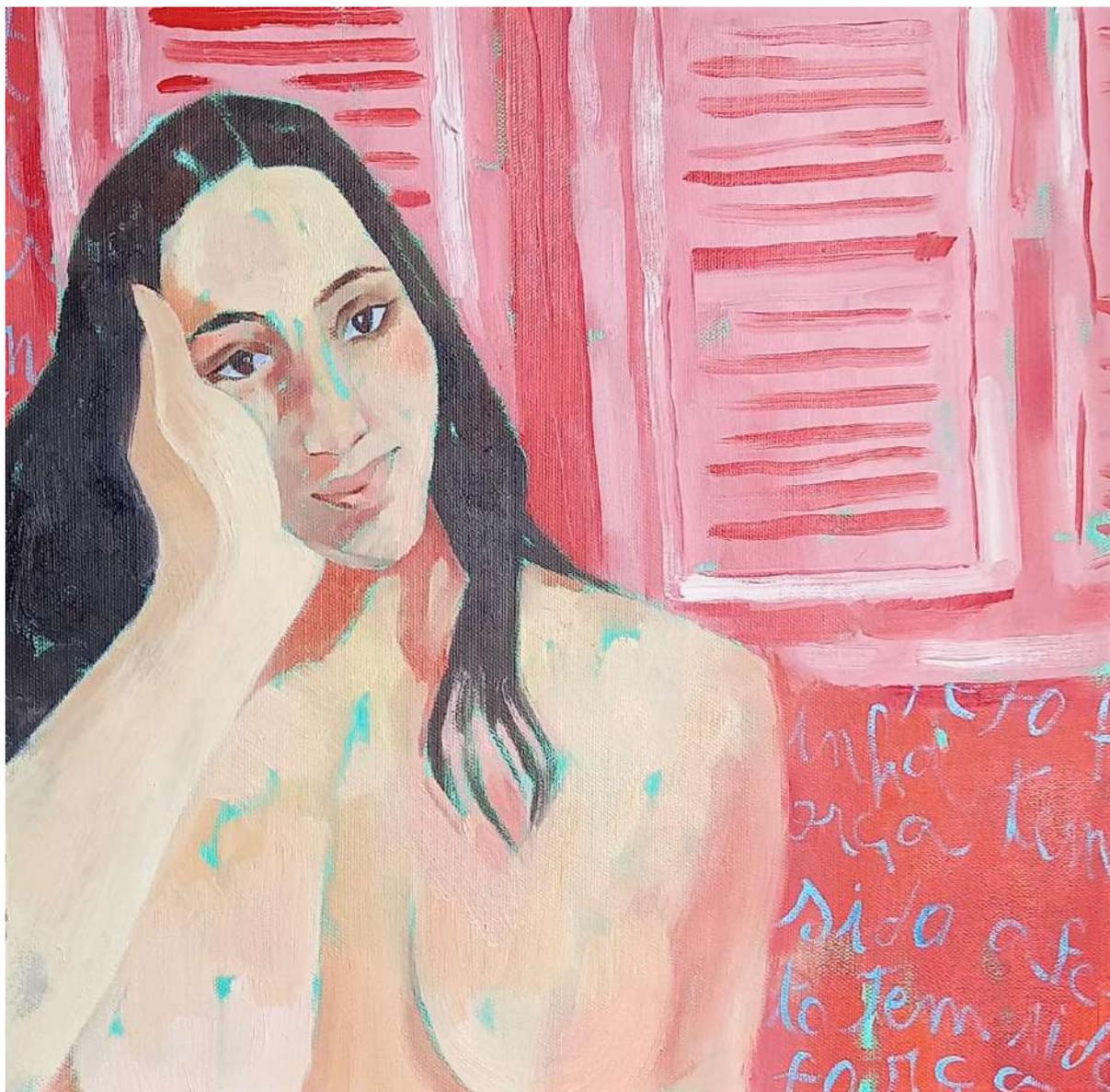


Fig. 21 Camila Albuquerque - "Camille", óleo sobre tela, 2022.

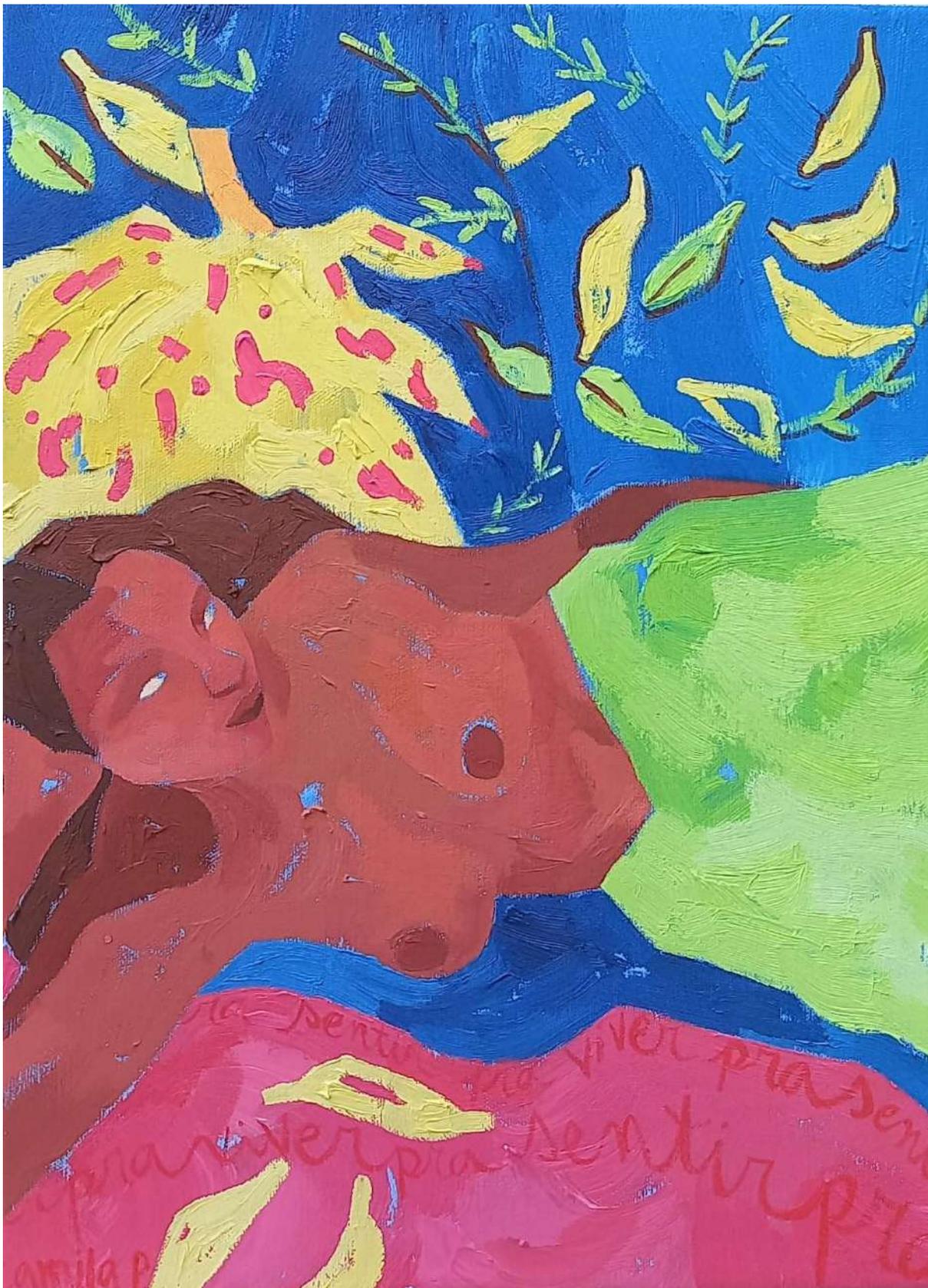


Fig. 22 Camila Albuquerque - "Caminho Vermelho", óleo e Acrílico sobre tela (30x40 cm), 2022.



Fig. 23 Camila Albuquerque - “Rede de Apoio”, grafite sobre papel Canson (38,5 x 29,7cm), 2021.



Fig. 24 Camila Albuquerque - "Sapatanis Brasilis", óleo e pasta de cera sobre tela, 2022.



Fig. 25 Camila Albuquerque - “Amor Terrorista”, óleo, acrílica e colagem sobre tela (60x80cm), 2022.

tirei, seja um vídeo aleatório da internet. Cores vibrantes sempre estiveram presentes nos meus trabalhos do início da faculdade, mas foi durante a produção desde TCC que explorei também imagens coloridas, mas menos vibrantes e tons de pastéis, por exemplo.

Busquei trazer imprimaduras coloridas para que pudessem ser ressaltadas e complementam a pintura por cima, acredito que isso enriquece muito a pintura; me agrada deixar a área da pincelada não totalmente preenchida, para assim o fundo e a sobreposição contrastem entre si. Também busquei experimentar mais com a própria textura da pintura a óleo, destacando pincelada carregada de tinta; com o uso da pasta de cera consegui atingir este objetivo em algumas pinturas, como “Sapatanis Brasilis”. Sempre tive receio de ousar mais na pintura e aos poucos fui me permitindo experimentar, com espaço para erros e resultados indesejados.



Fig. 27 Camila Albuquerque - Estudo cromático em óleo sobre papel Canson.

RELAÇÕES SÁFICAS E O APAGAMENTO DA SEXUALIDADE FEMININA

Esta pesquisa parte de um interesse íntimo e pessoal, sendo um dos meus objetivos criar narrativas e imaginários possíveis para pessoas como eu.

Para o público geral, muitas dinâmicas, simbologias e relações podem não fazer sentido, por fazerem parte de um universo semiótico próprio, que se construiu ao redor do mundo e dos séculos de forma mais escondida. A partir do final do século XX ao século XXI, relacionamentos lésbicos e sáficos foram tendo espaço e mais segurança para se tornarem públicos; casamentos homossexuais foram legalizados, políticas públicas de proteção foram firmadas entre outros. Embora ainda exista países em que ser homossexual é crime, a luta LGBTQIA+ vem aumentando e ganhando força.

Através das composições que crio, introduzo elementos próprios das minhas vivências como mulher que se relaciona com outras mulheres. Num mundo em que a lógica segue o patriarcado, é “natural” que o homem seja o ponto de partida para os relacionamentos. Como seria então um relacionamento em que não há uma figura masculina?

Mulheres lésbicas escutam com frequências comentários como: “É lésbica porque ainda não encontrou o cara certo”, invalidando suas sexualidades. é curioso porque todos sofrem com este “raciocínio”; homens bissexuais são vistos como “gays com medo de se assumirem”, mulheres bissexuais são vistas como heterossexuais querendo chamar atenção. Não é de se surpreender também que a cultura patriarcal é falocentrica, depositando toda a atenção das relações sexuais em cima do órgão sexual atribuída ao sexo masculino. Quando um casal não envolve pessoas com pênis na equação, se questiona: “afinal, como que se relacionam?”, como se relações sexuais só fossem válidas dessa forma. É uma forma de enxergar o sexo de uma forma muito redutora, como se o ato sexual se resumisse a penetração, o que não é a realidade. O corpo humano possui milhares de terminações nervosas na pele, possui áreas erógenas e abriga diversas possibilidades de exploração da sexualidade humana. A própria vulva (não vagina, como é popularmente conhecida, pois é só uma parte do órgão) abriga o único órgão cuja única funcionalidade é proporcionar prazer: O clitóris.

O mapa do clitóris não foi detalhado até 1998, por Helen O’Connell: “Não é surpresa que não se conheça a anatomia do clitóris. É nossa herança cultural”, ela diz.

Podemos observar essa mentalidade redutora da sexualidade feminina na própria história da arte européia, que se difundiu pelo mundo todo, se infiltrando em nossas sociedades, impregnando nossas crenças e políticas. A arte europeia desde sempre representava a figura da mulher na dualidade da figura de Maria, mãe de Deus ou da imagem da deusa Vênus. A

mulher passou a ter que se encaixar nestes arquétipos: ou virgem ou puta, com frequência alternando entre as duas para satisfazer expectativas impostas para agradar a um homem. A figura da virgem era cuidadora do lar, dos filhos e dos maridos, uma figura dessexualizada. A figura da puta era performática, voltando seu olhar e pose pro espectador masculino. McCormack, em seu livro “Women In the Picture - Women, Art and The Power of Looking”, (2021) resume que a figura de Maria tem sua sexualidade negada antes mesmo que ela possa experimentá-la. A figura de Vênus está com sua atenção voltada para o espectador. Ela está ali para satisfazer o outro, não a si. O foco das relações sexuais era satisfazer o homem. Não é surpresa que mulheres até hoje, mesmo casadas, relatem nunca terem tido um orgasmo. Mulheres não eram ensinadas sobre seu corpo e quando eram, era uma educação sexual conservadora, que impunha culpa sobre o desejo e autonomia da mulher sobre o próprio corpo.

Diante de toda essa herança cultural, social e política, minhas intenções artísticas também encontraram obstáculos: “Como abordar o prazer feminino, especialmente o prazer sáfico, sem objetificar seus corpos?” “Como tratar da sexualidade divergente da heteronormatividade sem ter o olhar do fetiche?”. “Como reproduzir um olhar feminino, que fuja do “Male Gaze”?”

O termo “Male Gaze” (Olhar Masculino) foi criado pela teórica Laura Mulvey, em 1973, para se referir a como a sociedade enxerga e retrata mulheres como objetos na mídia. A sociedade tem como estrutura principal e de ponto de partida uma visão masculina, branca e heteronormativa e nossos comportamentos são influenciados por essa visão. Quem escreveu até então as histórias que formaram nossa cultura e sociedade foram homens, com seus “olhares masculinos”, tendo como foco principal uma plateia voltada para homens.

“O olhar masculino reafirma o poder do Patriarcado de usar mulheres como acessórios para servir a narrativa heterossexual masculina”, escreve Kim Leonard em seu artigo “What is the Male Gaze?”.

Este obstáculo, como representar/retratar falar sobre o amor entre mulheres sem objetificá-las apareceu no meio da minha pesquisa. Narrativas eróticas sáficas foram produzidas ao longo dos séculos para o público masculino, exclusivamente, através de pinturas, fotografias e filmes pornográficos. Elas estão ali para entreter um olhar, não para serem quem são. É comum até hoje pessoas sáficas sofrerem assédio, ouvir falas de “ela só não encontrou o homem certo”, para se referir a sua orientação sexual e a “ausência” de um homem numa relação amorosa.

Então me encontro perante um desafio: as narrativas sáficas foram produzidas e consumidas

por homens; como criar, sendo mulher, para pessoas sáficas? Sem cair no lugar comum de hipersexualidade, tirarem as figuras do contexto homoerótico de intimidade, conexão e uma sexualidade não heteronormativa? Foi então que me voltei para mim: o que eu sinto falta de ver nessas narrativas? Como é de fato estar em um relacionamento sáfico?

PROCESSO: SIMBOLOGIAS/ CONCEITOS / NOVOS OLHARES SOBRE EROTISMO

Com estas problemáticas em mente, eu já vinha exaltando certos detalhes do mundo erótico que não se restringiam apenas a genitálias e nudez. Desde o início quis me distanciar da representação completa de rostos, focando em seus corpos, mas percebi que isso esvaziava demais o potencial do que eu tinha a comunicar. Introduzi nas minhas pinturas o mundo das frutas e suas simbologias de fartura, desejo e sabores, mas percebi que ainda não retratava a realidade dos relacionamentos sáficos. Como eles são, na sua intimidade, no exterior, em sua comunicação, em sua essência?

Tentei então trazer um pouco de humor por meio de referências “sutis” para algumas das obras; “Sapatanis Brasilis”, por exemplo, traz elementos de tesouras e laranjas, referências da cultura sáfica popularmente conhecidas, seja através de músicas, expressões populares, teores sexuais ou interpretações distintas. A própria palavra “tesourar” pode significar tanto “focar” como também um termo próprio de posição sexual do mundo sáfico. Introduzo também a arte típica dos parachoques de caminhões de estrada, que além de possuírem uma estética essencialmente brasileira, remete a expressão popular de ‘caminhoneira’, gíria para mulheres lésbicas. Esses termos que se popularizaram conseguem representar todas essas vivências sem necessariamente ter que se apresentar nudez feminina gratuitamente.

Por ter tido contato com outras obras de várias mídias de sexualidade sáfica exacerbada senti que precisava exaltar muito mais os detalhes presentes em uma relação sáfica cheias de potencial erótico que uma visão heteronormativa normalmente desconsideraria; Toques de mãos, carinhos, olhares, respirações carregam muita energia sexual e foi o que tentei focar em meus trabalhos, principalmente a figura das mãos. As mãos são figuras poderosas, agentes do toque, de união. A relação sexual é, antes de mais nada, um momento de intimidade, de carinho. É conexão, que passa pelo afeto, pelo cuidado pelo outro. E as mãos transmitem tudo isso, razão pela qual elas se destacam na maioria das obras aqui presentes. Elas conseguem proporcionar prazer, de forma que genitálias não conseguem, razão pela qual as coloco como figuras principais nas relações sáficas aqui mostradas. Elas unem os corpos em diversas

ocasiões e momentos. Na obra ‘Camille’, a mão da figura que me representa segura o rosto de Camille, simbolizando afeto, cuidado e proteção; enquanto isso, a figura da mão em “Tascada na Goiaba” se coloca em uma posição ativa de prazer.

Além disso, quis retratar corpos além dos meus, momento em que encontrei outra problemática: “como posso tratar da questão erótica sem fetichizar corpos que não são meus?”. Busquei imagens pela Internet de casais sáfcos, procurei em fotografias do século XX mas não achava poses que me interessavam, razão pela qual tratei de fotografar meu corpo e de pessoas que quisessem ser fotografadas para posteriormente serem utilizadas como material artístico. Na obra “Amor Terrorista”, fotografei as artistas Marissa e Dhiow, coletivo artístico de Fortaleza que são um casal sáfcico. Tento capturar momentos de carinho entre as duas, focando em seus olhares, toques e encontros de corpos. As referências ficam do jeito que imagino, um retrato de um relacionamento de amor e apoio, amizade e “arenguiçe”, como elas mesmas descrevem. Consigo então criar uma pintura que trata disso, focando em seus olhares e toques para transmitir o que pretendo.

Com Camille, a partir da pandemia, comecei uma série de fotografias e estudos de nosso cotidiano, nossa intimidade e carinho que nos guardamos. Apesar da imposição cultural heteronormativa de que relacionamentos se fazem com sentimentos de posse, dificuldade, brigas, disputas, e divisões de tarefa próprias para cada sexo, um relacionamento sáfcico se encontra um pouco mais distante dessa realidade. Mesmo não estando imunes a reproduzir estas logísticas, Camille e eu construímos um relacionamento de amizade, apoio mútuo e companheirismo. O Diálogo é a base de nossas interações, o que auxilia para que trabalhemos o que sentimos com transparência. Isto reflete no nosso relacionamento físico, de carinho e suporte. A obra “Rede de Apoio” trata disso, inseridas no meio de uma pandemia e isolamento social; Nos fazemos fortes uma na outra, com cuidado e acolhimento.

Assim, consigo perceber que estes momentos que flagro e registro podem ser potências narrativas do universo sáfcico: nosso cotidiano.

CONCLUSÃO

Eu vejo o trabalho de conclusão não como um espaço de certezas, de quem sou como artista ou do que minha arte é, mas sim como um momento de aprendizado e experimentação, sintetizar o que aprendi nestes anos de faculdade estudando Pintura e outras linguagens visuais. É um projeto artístico íntimo, mas que abre portas para futuras obras e possibilidades por ser uma questão que engloba minha vida como pessoa.

Entendi que o universo semiótico sáfico possui muitos potenciais e simbologias pouco exploradas que pretendo pesquisar no futuro mais a fundo; Entretanto, se faz necessário não só o estudo da pintura mas também do impacto que ela traz, do que ela tem a comunicar a outros públicos. Entender que a arte é sim política foi um processo para mim, pois apesar de crer que tudo é política, via muitos artistas se posicionarem contra a arte “panfletária”, diminuindo seu valor e às vezes questionando se o objeto artístico ainda seria considerado arte. Para trazer o mundo que eu quero para a realidade, me utilizo da arte; fabular sobre imaginários possíveis se faz essencial para a construção do mundo que quero me ver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Kleon, Austin. “Roube Como Um Artista”, 2012. Editora Rocco.

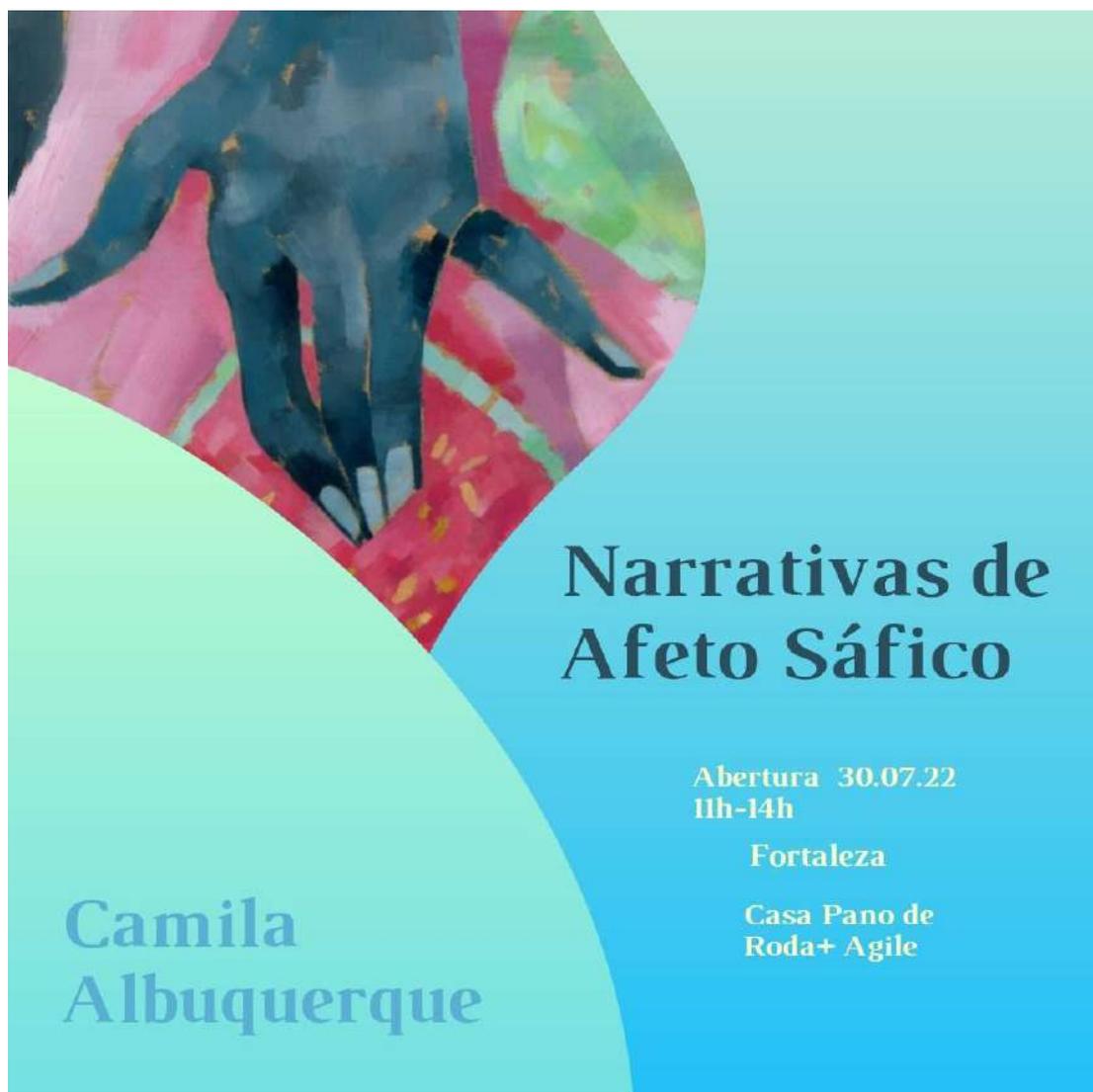
Berger, John. “Modos de Ver”, 1973.

Mccormack, Catherine. “Women in the Picture: Women, Art and The Power of Looking”, 2021.

https://brasil.elpais.com/brasil/2020/02/28/eps/1582912339_151609.html

<https://www.studiobinder.com/blog/what-is-the-male-gaze-definition/#:~:text=Filmmaker%20and%20theorist%20Laura%20Mulvey,a%20little%20difficult%20to%20understand.>

ANEXO: EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL



“A primeira exposição individual da artista Camila Albuquerque surge a partir de seu trabalho de conclusão de graduação em Pintura, pela Escola de Belas Artes da UFRJ; Em suas obras, Camila cria imaginários e narrativas de afeto LGBTQIA + através de simbologias pertencentes do mundo sáfico; sua poética fabula sobre imaginários possíveis e se faz essencial para a construção do mundo que queremos ver.

Questões surgem no meio da pesquisa: “ Como desenvolver artes sáficas sem propagar uma ideia recorrente de hipersexualização feminina? Como explorar as figuras representadas em um contexto homoerótico de intimidade, conexão e de uma sexualidade não heteronormativa?”. A artista ainda busca respostas.

Exaltar o amor entre mulheres se faz necessário ainda nos tempos de hoje como forma de resistência; a artista utiliza elementos do universo semiótico sáfico para tratar de questões que partem de seu íntimo e se conectam ao universal.”





